

## O não-humano e a língua – Um ensaio sobre bebês e crianças na escola

Maria Victoria Abdalla<sup>50</sup>

### Resumo

Este ensaio é um relato de experiência de uma técnica de ateliê com bebês e crianças de um a quatro anos de idade no ateliê de uma escola infantil de São Paulo. Enfatiza-se a relação entre os bebês e a linguagem no espaço escolar, através da esquizoanálise – especialmente por Gilles Deleuze, Félix Guattari e Friedrich Nietzsche. Somam-se aos relatos os sonhos que insurgiram durante o processo, tendo em vista a elaboração de uma cartografia através da imanência, isto é, o plano da livre-associação, do não-humano, dos sonhos.

**Palavras-chave:** Não-humano; Esquizoanálise; Língua; Bebês; Escola.

### Abstract

This essay presents an experiential account by an atelier artist-technician working with infants and young children, from one to four years of age, in the atelier of an early childhood education institution in São Paulo. It emphasizes the relationship between infants and language within the school environment, examined through the perspective of schizoanalysis—particularly as developed by Gilles Deleuze, Félix Guattari, and Friedrich Nietzsche. Alongside these reflections, it also considers the dreams that arose during the process, with the aim of constructing a cartography through immanence, that is, the plane of free association, the non-human, and the dreamscapes.

**Key-words:** Non-human; Schizoanalysis; Language; Infants; School.

### A língua

Ir de encontro ao *não-humano*<sup>51</sup> requer religar-se a uma língua que há muito tempo se foi requisitado entregá-la às autoridades. Com ele, tudo é corpo (e nada mais). Retoma-se uma espécie de corpo-língua, inflama-se o *super-homem*; o sentido da terra, em que se enuncia: “Atrevei-vos, pois, em primeiro lugar a ter fé em vós mesmos – em vós e nas vossas entranhas!” (NIETZSCHE, 2004, p. 103). Ele está a exercer o cerne da linguagem, em que já não há significado, e sim a ação de talhar, segundo Deleuze, na própria língua uma língua estrangeira. É a ação de, segundo as palavras do autor: “Fazer a língua gritar, gaguejar, balbuciar, murmurar em si mesma” (DELEUZE, 2011, p. 141).

Às crianças e aos bebês, as palavras são brinquedos. Fala-se uma, com o intuito de saborear os sentidos táteis que a língua produz pelo oco da boca; o cóccix que vibra em cócegas até o tremor das falanges. O som é quase sempre acompanhado de um olhar de surpresa, de quem descobriu algo. Falar é uma brincadeira, uma oração. Antonin Artaud diz: “todo poema é

<sup>50</sup> Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2023). Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Esquizoanálise, atuando principalmente nos seguintes temas: Antonin Artaud e Performance-Art. Atualmente está realizando graduação em Arte-Teatro pela UNESP-IA. E-mail para contato: vicabdalla@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3546-1312>.

<sup>51</sup> O não-humano é, para Félix Guattari: “o delinear ou, se quisermos, o desdobramento de devires animais, vegetais, cósmicos, assim como de devires maquinais, correlativos da aceleração das revoluções tecnológicas e informáticas...” (GUATTARI, 2012, p. 20).

uma libertação. [...] Declamar um poema é rezar” (ARTAUD, 2023a, p. 27; p. 85). As crianças e os bebês sabem disso, e praticam esta ação aproximando-se do conceito de *não-humano*, de Guattari, para dizer sobre uma instância vegetal, uma abertura a devires outros, que não o humano, o homem, mas devires múltiplos – em que o homem, o órgão, o organismo, perde o protagonismo enquanto centro de referência – e o deslocamento, o corpo sem órgãos, o tateamento, a ação, passa a ser central.

Vi estes em um sonho. Nele, eu estava em uma terra e ao redor havia rizomas, caules, flores e árvores translúcidas. Como se tudo estivesse em latência, vibrátil; como se as coisas fossem invisíveis e visíveis simultaneamente; e os caules e troncos, pura vibração, latejando. Até que as seivas deles pulsaram, então da vibração surgiu uma língua enorme, e essa língua é um corpo nu, um corpo humano nu rósea avermelhado, da cor da língua humana, um corpo sem órgãos, não se vê um rosto, não há face, é úmido. Ele dança, contrai-se o abdômen, está em contato com o chão, um ser embrionário, um humano cru, cruel, dançando e emitindo sons fonéticos que o próprio corpo produz.

Até onde pode o som? Os não-humanos estão incessantemente investigando as diferentes intensidades sonoras, pondo a língua como um caule que se estende até o limite de sua potência. Os bebês são o que Nietzsche chama de a *imensa e infinita afirmação das coisas*, eles experimentam a língua em continuum, como diz Guattari, em livre-associação, em fluxo. Eles sentem, sabem, apenas; habitam no mesmo tecido que a vida, não se apartam dela. Eles falam a *língua da baleia*, diz Deleuze, essa língua estrangeira e singular a cada um.

Para Deleuze, os originais confrontam as leis da linguagem em seu próprio ato de existir. Para o autor, eles levam a linguagem ao limite do silêncio. É o caso dos humanos de zero a dois anos – depois disso, alguns raros, muito provavelmente nenhum, segue-se original; é uma sorte encontrar-se, ao longo de toda uma vida, com um. O autor esclarece:

Cada original é uma potente Figura solitária que extravasa qualquer forma explicável: lança flamejantes dardos-traços de expressão, que indicam a teimosia de um pensamento sem imagem, de uma questão sem resposta, de uma lógica extrema e sem racionalidade. Figuras de vida e de saber, sabem algo inexprimível, vivem algo insondável. Não tem nada de geral e não são particulares: escapam ao conhecimento, desafiam a psicologia (DELEUZE, 2011, p. 109).

Contudo, ainda assim, os originais são afetados pelas *palavras de ordem*<sup>52</sup> (na família, na escola). “A professora não se questiona quando interroga um aluno”, diz Deleuze, “ela

<sup>52</sup> Para Deleuze: “Uma ordem do pai a seu filho – ‘você fará isso’, ‘você não fará aquilo’ – não pode ser separada da pequena sentença de morte que o filho experimenta em um ponto de sua pessoa. [...]. Mas a *palavra de ordem*

‘ensigna’, dá ordens, comanda” (DELEUZE, 2011, p. 12-13). E o que elas proferem, em muitos casos, é uma interrupção do processo, do *continuum*, em nome de um juízo, um modelo. Assim, neste cenário, como pode uma criança agir?

Aos bebês, as *palavras de ordem* não possuem ainda o efeito de morte – contudo, este será visível quando ele estiver próximo aos dois anos, falando e escutando palavras. Para Deleuze: “A linguagem não é a vida, ela dá ordens à vida; a vida não fala, ela escuta e aguarda” (DELEUZE, 2011, p. 13). Quando um Humano responde ao som do não-humano, este se alegra. Repete, repete, repete, quer estar junto no mundo, é plena vontade de potência. Mas a princípio, para ele, aquilo não passa de sopro, vibração, brincadeira. É uma dança. Antes mesmo dos significados habitarem o ambiente, um não-humano sabe que o que está mesmo se comunicando é toda uma outra coisa, que se sabe, se sente, apenas.

Os originais são os seres da Natureza primeira, mas são inseparáveis do mundo ou da natureza segunda, e aí exercem seu efeito: revelam seu vazio, a imperfeição das leis, a mediocridade das criaturas particulares, o mundo como mascarada (DELEUZE, 2011, p. 109).

É próprio dos Humanos interromperem a comunicação original, e nesse sentido durante a experiência foi possível ver muitas crianças sofrerem as consequências disso. As crianças que recebiam mais carinho eram as que transicionavam deixando de lado a língua original – não foi o caso de Nataniel e Kaíque, de três anos.

Nataniel falava em uma intensidade sonora diferente, mais baixa que a das outras crianças; o seu corpo, por outro lado, falava em uma intensidade alta, com gestos precisos. Com o tempo, isso passou a gerar um grande incômodo no Humano que orientava esta turma. Este falava com alta intensidade sonora, e uma alta frequência também – tornava-se difícil escutar outras vozes quando ele falava (especialmente através das palavras de ordem). Um dia, no ateliê, Nataniel indicou com as mãos que gostaria de pintar com a tinta preta; eu traduzi sua fala ao Humano, e fui entregar tinta a ele, mas o Humano interpelou o meu gesto e gritou: “Nataniel, assim não dá, eu não vou te dar a tinta porque eu não estou entendendo o que você está falando. Até você falar com a voz alta o que você quer, você não vai ter tinta”. Nataniel olhou para o chão, mantendo o silêncio. Insurgiram risos dos Humanos no ambiente, risos de estranhamento diante dessa *língua da baleia* de Nataniel.

---

*é também outra coisa*, inseparavelmente ligada a essa: é como um grito de alarme ou uma mensagem de fuga.” (DELEUZE, 2011, p. 57).

Outro dia, Nataniel chegou no ateliê com as mãos pintadas de jabuticaba. O Humano o puxava pelo braço, levando-o diretamente à pia – ele lavou a sua mão, secou e depois ajeitou o próprio cabelo, respirou fundo e disse: “O que seria da sua vida sem mim, Nataniel?”. Ora, Nataniel estava distante de Zaratustra. Quem o acompanhava era um Humano com a necessidade de que ele aprendesse a falar palavras de ordem e existir através delas, tornando-se humano também, modulando-se através das leis gerais.

Assim, o silêncio de Nataniel era um grande “não” desestabilizante, que como diz Deleuze citando Melville: “lança sobre o entorno uma luz branca lívida, semelhante àquela que ‘acompanha no Gênesis o começo das coisas’” (DELEUZE, 2011, p. 109). O silêncio e a voz baixa de Nataniel eram arrebatadores, trepidantes – geravam um incômodo profundo naqueles particulares a sua volta. Ele falava uma espécie de língua outra e isto ameaçava todos, de talvez serem arrastados para esta língua lenta, incerta, imprecisa, baixa. O silêncio o protegeu. O silêncio foi a sua brincadeira e a sua sabedoria. Contrário ao posicionamento autoritário de puxar o braço de um original e indagar-lhe o que seria de sua vida sem ele, Zaratustra diria: “‘Este é agora o meu caminho; onde está o vosso?’ Era o que eu respondia aos que me perguntavam ‘o caminho’. Que o caminho... o caminho não existe” (NIETZSCHE, 2004, p. 153).

Outro exemplo é Kaíque. Em uma aula sobre colagem, eu percebi um encantamento profundo dele em relação ao bastão de cola. Eu me aproximei, ele olhou para mim sorrindo, olhou para o bastão e olhou para mim de volta com os olhos arregalados. Eu perguntei se ele queria que eu mostrasse como abrir o bastão. Ele fez que sim e o entregou. Seu olhar estava completamente enfeitiçado. Depois ele pegou o bastão, pegou a tampa e a colocou de volta. Em seguida retirou a tampa, e riu olhando para mim em seguida. Depois girou a manivela de um lado para o outro, rindo e olhando para mim. Eu sugeri que ele experimentasse a parte de dentro do bastão: ele colocou o dedo na cola, em seguida fez uma pinça colocando o dedo anelar em contato com o dedo polegar e levou-os em direção a luz. Olhou atentamente para a espessura transparente que se acomodava entre os seus dedos. Sinto, repentinamente, um corpo grande e forte empurrando o meu. Era o Humano – “licença”, ele disse, “olha, Kaíque, é assim que se faz, eu já cansei de explicar”. Ele pegou a mão dele, e com a mão de Kaíque na dele, ele pegou um retalho de papel, depois pegou a cola, depois passou a cola no retalho de papel, depois colou o retalho de papel no papel. Ele fez isso mais algumas vezes, criando uma composição com aproximadamente três retalhos. “Viu?”, disse, e saiu. Kaíque parecia tonto e titubeante. Em seguida, seu olhar voltou-se para o bastão de cola. Ele o pegou e voltou a experienciar o seu dedo na cola – como se Zaratustra sussurrasse uma vez mais: “Cria em mim, ruído do inferno!

Os acontecimentos maiores não são os mais ruidosos, mas as nossas horas mais silenciosas” (NIETZSCHE, 2004, p. 109).

Me ocorreu um sonho a respeito dessa experiência. Nele, estou em uma estrada, está escuro, de noite. Está nublado. Vejo uma silhueta no meio dela. É o Kaíque. Me aproximo dele. Em sequência, vejo vindo um caminhão, pesado, grande, em alta velocidade. Posso sentir o vento dele vindo. Paro. Vejo o corpo do Kaíque sendo esmagado pelo caminhão. Acordo.

Ao mesmo tempo em que uma criança possui o maior grau de potência, ela é frágil e um Humano pode facilmente esmagar sua sonoridade social ao querer torná-la particular. Zaratustra previne: “Não é certamente na sociedade que se deve calar e submergir o seu desejo, mas na beleza” (NIETZSCHE, 2004, p. 99). É necessário fornecer as ferramentas para que os não-humanos possam pronunciar as palavras socialmente por eles mesmos, encontrando os recursos na beleza, a cada vez com mais poder. Que cada ser tenha os recursos para saber o que lhe faz bem ou mal para si, o que lhe causa afetos alegres e afetos tristes. Cabe ao Humanos dar autonomia para o não-humano ser o criador que ele já é. Para Nietzsche: “Ninguém sabe ainda o que é o bem e o mal... a não ser o criador” (NIETZSCHE, 2004, p. 153), e para Artaud: “Para compreender a própria vida há que procurá-la na fonte, transformar-se a si mesmo em seu próprio criador” (ARTAUD, 2023a, p. 29).

Assim, presenciei no espaço escolar uma necessidade terapêutica mais vinculada aos Humanos que aos não-humanos. Como traz Deleuze: “Se a humanidade pode ser salva, e os originais reconciliados, é somente na dissolução, na decomposição da função paterna” (DELEUZE, 2011, p. 110). A vivência com bebês e crianças retoma uma língua perdida, mas ao mesmo tempo demonstra o processo de perda desta mesma língua através da relação com as palavras de ordem. É nesse sentido que se torna necessário fazer cantar o super-homem, de modo que o canto de um ressoe na dança do outro, e a dança do outro ressoe na fotografia de um outro outro, criando-se toda uma ambiência original. Para Deleuze:

[...] “originalidade”, quer dizer, um som que cada uma *emite*, [...] quando leva a vida sem buscar a salvação, quando empreende sua viagem encarnada sem objetivo particular e então encontra o outro viajante, a quem reconhece pelo som (DELEUZE, 2011, p. 114).

### **A língua na matéria**

O som acompanha o traço. Não há distinção entre as áreas expressivas para os não-humanos. No ateliê era comum que uma criança desenhasse e narrasse uma história

simultaneamente. Algo parecido ao que Artaud procurava, especialmente em sua pesquisa com os rarámuri (tarahumaras): “O artista reunia em si todas as possibilidades e todas as ciências. Depois veio o tempo da especialização e também o da decadência” (ARTAUD, 2021, p. 131). A música é desenho, o desenho é escultura, a escultura é dança – tudo acontece junto, uma coisa precisa da outra. A esse esfumado, Deleuze confere o nome de *mapas* ao escrever sobre as crianças. Segundo o autor:

Os mapas, ao contrário, se superpõem de tal maneira que cada um encontra no seguinte um remanejamento, em vez de encontrar nos precedentes uma origem: de um mapa a outro, não se trata da busca de uma origem, mas de uma avaliação dos *deslocamentos* (DELEUZE, 2011, p. 86).

Através da existência cartográfica das crianças, é possível repensar os termos da vida. Torna-se possível compreender a vida como mobilização, “cujos objetos, mais do que permanecerem afundados na terra, levantam voo” (DELEUZE, 2011, p. 86). Beatriz, por exemplo, costumava caminhar pela escola e pelo ateliê com esculturas-vivas; ela andava falando, mostrando a obra e dançando com ela. Um dia, ela estava com um pote verde, que continha água com corante rosa dentro, uma flor branca, e glitter dourado na água rosa. Não se via o glitter e a cor da água da escultura propriamente, a não ser que Beatriz te revelasse, na luz do sol.

A matéria serviu como companhia, suporte e cuidado – revelando os usos mágicos da escultura e do desenho. Ela era destinação. Artaud diz: “As figuras que eu então fazia eram destinações, sortes – que eu queimava com um fósforo depois de tê-las meticulosamente desenhado” (ARTAUD, 2021, p. 34). Norma, por exemplo, encontrou no ateliê as cores *vermelho* e *preto*, para expressar através de colagens, pinturas e esculturas de biscuit com guache, a angústia e desamparo que vivia. Durante 4 meses, ela produziu uma série de obras que continham apenas as cores vermelho e preto. Otávio encontrou no ateliê a possibilidade de esfregar uma bucha com tinta antiga e água em um papel, com tanta força que rasgou o papel, mas também sem rasgar o suficiente a ponto de se desfazer. Também foi Otávio que percebeu que se ele misturasse branco e preto teria cinza, e com o cinza fez uma série de desenhos expansivos. Ele também percebeu que socando um carvão vegetal sobre uma figura desenhada por ele, sentia-se aliviado.

Karlos, um bebê de 1 ano, quando estava no parque, costumava agredir outras crianças. Os Humanos, na falta de recursos, puniam ele com frequência. No ateliê, Karlos descobriu o pincel e a tinta guache, através dos quais ele fazia desenhos cujos traços seguiam ininterruptamente de um extremo ao outro do papel. Às vezes, ele me convocava a participar

junto com ele de seu ato de criação. A cada traço que ele fazia, ele parava, e olhava para mim com os olhos brilhantes. Ele estava encantado. Eu dizia que era lindo, e seu olho brilhava com um sorriso de lábios infindavelmente esticados, e continuava – chegando a fazer três desenhos de grande complexidade em apenas quinze minutos. São casos que se aproximam do que Artaud relatou:

Esse desenho é uma sensação que passou em mim como se diz em algumas lendas que a morte passa. E eu quis agarrar o roubo e desenhá-lo absolutamente nu. O movimento da morte reduzido aos ossos essenciais. [...] Desprender da imperceptível fibrila de um corpo que dilacera um instante a consciência pela cisão depois a deixa adormecer em paz. Um golpe argutíssimo de bisturi, mas que se extingue sem querer permitir à *concepção* se estender ou procurar pois não há nada além desse golpe (ARTAUD, 2023b, p. 45-46).

Não havia representação, mas uma constante apresentação das coisas, havia ossos e golpes. Alguns não-humanos (em especial os bebês de um ano) sentiam tanto encantamento com as cores, que as comiam. Elas eram vivas. Sem concepção por detrás de seus desenhos, Norma, Otávio e Karlos encontraram recursos para viverem suas línguas, originais.

## REFERÊNCIAS

ARTAUD, Antonin. *Mensagens Revolucionárias*. São Paulo: N-1 edições, 2021.

\_\_\_\_\_. *Cartas de Rodez*. São Paulo: Iluminuras, 2023a.

\_\_\_\_\_. *Meus Desenhos Não São Desenhos*. São Paulo: N-1, 2023b.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 2011.

GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*. 21 ed. São Paulo: Papyrus, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra*. São Paulo: Martin Claret, 2004.